



Entrevista

Rodolfo Lavrador Administrador da CGD

«Negócio no Brasil está a ser um sucesso»

Banco no mercado brasileiro arrancou há menos de um ano, em plena crise internacional, e já atingiu a meta traçada pela Caixa Geral de Depósitos para três anos

TÁLIA FERREIRA
tania.ferreira@sol.pt

A CGD é o banco mais internacional de Portugal. Está presente em 23 países e ainda este semestre vai entrar no Canadá. O banco estatal já está de olhos postos na China, mas a prioridade, em 2010, vai ser a consolidação das operações no Brasil, Angola e Moçambique.

Como foi o ano de 2009 para a área internacional da CGD?

As grandes novidades foram as entradas no Brasil e Angola, que não são coisas pequenas. São dois mercados muito importantes, que nos faziam falta segundo a nossa visão estratégica.

São duas operações diferentes. Sim. No Brasil é um banco *start up*, focalizado nas grandes empresas, que faz *investment bank* e *corporate bank*. Em Angola não criámos um banco de raiz, estabelecemos um acordo com o Santander Totta.

Como está a correr no Brasil? O banco foi inaugurado em Abril, tornou-se totalmente operacional em Junho, e os primeiros meses de actividade foram altamente positivos. Tínhamos pensado em atingir o *breakeven* em três anos, mas já atingimos em 2009, o que é espectacular **Perspectiva que continue a crescer?**

Sim, o que, aliás, levou a que a Caixa tenha decidido aumentar o capital social do banco em cerca de 277 milhões de reais (perto

de 109,5 milhões de euros à cotação actual), para 400 milhões de reais (159 milhões de euros).

O crescimento vai ser apenas por via orgânica ou estão já a pensar em fazer aquisições?

Queremos crescer mais e para isso podemos ir às compras. As aquisições que estamos a equacionar são para áreas complementares do negócio que temos, e não na actividade que já desenvolvemos. Pode vir a fazer sentido, por exemplo, a corretagem. Também admitimos vir a desenvolver a área de *private equity*. Estamos ainda a medir o pulso do mercado.

Está prevista alguma operação já em 2010?

O ano acabou de começar e é possível que alguma destas iniciativas ainda se concretize este ano. Além disso, este ano vamos abrir uma área dedicada a particulares e institucionais, mas não é para fazer retalho. É só para trabalhar no Brasil alguns

clientes da Caixa, que são residentes no Brasil, mas que têm conta em Portugal. E vamos abrir no Rio de Janeiro, este ou no próximo ano, sendo que agora estamos só em São Paulo.

Qual é o vosso objectivo em termos de quota de mercado?

Sendo que retalho não faz parte dos planos, ficaríamos contentes se em três anos ficassemos entre os 50 maiores bancos do Brasil.

E em Angola?

Fizemos um acordo para a criação de uma *holding* com o Santander Totta, que detém a maioria do capital social do banco, sendo que, por força dos acordos, a Caixa assumiu o controlo da gestão. Além disso, entraram alguns sócios locais, como por exemplo a Sonangol, com 25%.

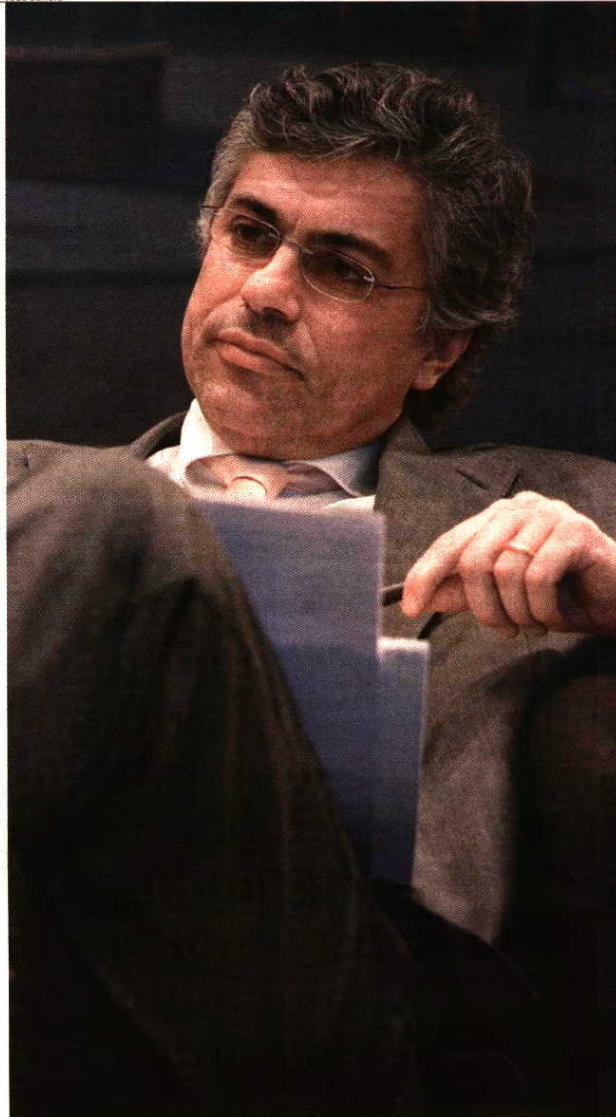
Está prevista alguma alteração accionista?

A solução é estável. Os primeiros meses reforçam a ideia de que a proporção de participações entre accionistas é a acertada. Mas a CGD vai reforçar a posição na *holding*. Podemos ir crescendo, está previsto. As opções podem ser exercidas até 2013.

Até 100%?

Se assumimos o controlo de gestão do banco, é lógico que também venhamos a fazer um reforço da nossa posição. É possível chegar aos 100%, mas não inevitável. Vamos ver como as coisas correm, mas é bom ter um parceiro com a força e credibilidade do Santander Totta. E ainda para mais com a ligação que tem a Espanha. Vamos exercer

JOSÉ SÉRGIO



Rodolfo Lavrador diz que banco em Espanha está «de boa saúde»

Perfil

Jurista de formação, 46 anos, Rodolfo Lavrador chegou a ser advogado e professor universitário, mas tem sido na área da banca que tem feito a maior parte da sua carreira. No Grupo Caixa Geral de Depósitos, o ex-secretário de Estado do Tesouro e Finanças de António Guterres ocupou vários cargos antes de chegar à administração da CGD, em Janeiro de 2008.

as opções que estão no acordo parassocial, mas não temos vontade nenhuma de forçar a saída. **Quais as expectativas da Caixa quanto a Angola?**

Se olharmos para a globalidade da economia angolana existem perspectivas de crescimento muito fortes. Mas já existem excelentes bancos em Angola e é preciso ter em conta o universo

bancarizável. É seguramente um mercado emergente e com grandes perspectivas, mas muito competitivo e difícil.

Quais as áreas que querem desenvolver no mercado angolano?

A prazo temos uma ambição universalista de banca comercial. O banco, na história recente, tem estado um pouco mais concentrado no segmento das empresas e, no curto prazo, a nossa visão estratégica é manter esse foco. Mas, à medida que o banco for crescendo, queremos ter uma perspectiva mais universal.

Espanha está a viver uma das piores crises de sempre. A Caixa está já a sofrer os efeitos?

Fechámos 2009 muito próximos do ano anterior, o que é um resultado muito bom, tendo em conta a situação. O banco teve uma política de gestão de risco muito prudential e está bem capitalizado.

Não vai aumentar o capital, como muitos estão a fazer?

É provável que ainda este ano

Empréstimos à habitação afectam lucros da Caixa

A CGD fechou o ano de 2009 com uma quebra nos lucros. Os resultados líquidos da actividade consolidada foram de 278,9 milhões de euros, uma descida de 39,2% face ao ano anterior.

A Caixa justifica os resultados com a diminuição da margem financeira e o reconhecimento de imparidade de títulos. A margem financeira desceu 26,3%, para os 1 532,9 milhões de euros. «Esta diminuição traduz a quebra das taxas de juro e a não repercussão integral, pela CGD aos clientes, do aumento do

custo do funding», explica o banco em comunicado.

Já o reforço da imparidade em outros activos situou-se em 259,3 milhões, dos quais 212,2 milhões relativos a títulos, afectos designadamente a instrumentos de capital das carteiras da área seguradora (96,4 milhões) e da CGD (89,4 milhões), «em consequência fundamentalmente da exigência de reconhecimento em resultados de menos valias de títulos já anteriormente contabilizados em reservas», esclarece, dando nota de que o reforço da imparidade

para riscos de crédito atingiu os 416,8 milhões de euros.

Por sua vez, a margem complementar evoluiu favoravelmente (2,6%), assente no comportamento das comissões líquidas (6,9%) e no contributo dos outros resultados de exploração (+22,4%). Os resultados em operações financeiras ascenderam 199,5 milhões de euros e «reflectem em grande parte um conjunto de políticas levadas a efeito para compensar a quebra da margem financeira, que se traduziram em ganhos em derivados sobre taxa de juro».

Rede internacional da CGD



venha a ser preciso, mas será sobretudo para financiar o crescimento. Será um ajustamento, nada de espectacular.

E o mal-parado está a subir?

Temos algum, mas nada de grave. Compara muito bem com o sector. O banco, em termos de saúde financeira, está bem.

Não vão desinvestir, portanto?

Não há qualquer intenção. A nossa posição em Espanha é estratégica. E, se alguma alteração houver, será sempre no sentido do reforço. Temos um banco comercial e uma sucursal da Caixa Banco de Investimento. Há sectores que se ressentiram muito com a crise, como a construção, por exemplo, mas existem outros, como a logística ou as energias renováveis, que estão a correr muito bem. Não há pânico. Todos estamos conscientes de que Espanha está numa situação difícil, mas continua a ser um mercado incontrolável. Temos de olhar a médio e longo prazo e, nessa pers-

pectiva, as empresas portuguesas que se querem internacionalizar têm de estar em Espanha.

Depois do Brasil e Angola, há novos mercados na calha? E encerramentos?

Não há desinvestimentos previstos. Vamos abrir um escritório de representação no Canadá, ainda este semestre. A ideia é prestar serviços aos portugue-

“**Angola é um mercado prioritário. Temos uma ambição universalista da banca comercial. Já temos o controlo da gestão do banco e vamos reforçar a posição na holding que detém o banco**

ses que lá vivem e têm conta com a Caixa. Só isso. Brasil, Angola e Moçambique continuam no foco das prioridades para 2010. Estamos em franco crescimento nestes mercados e temos agora de consolidar estas operações.

Não andam a olhar para outras geografias?

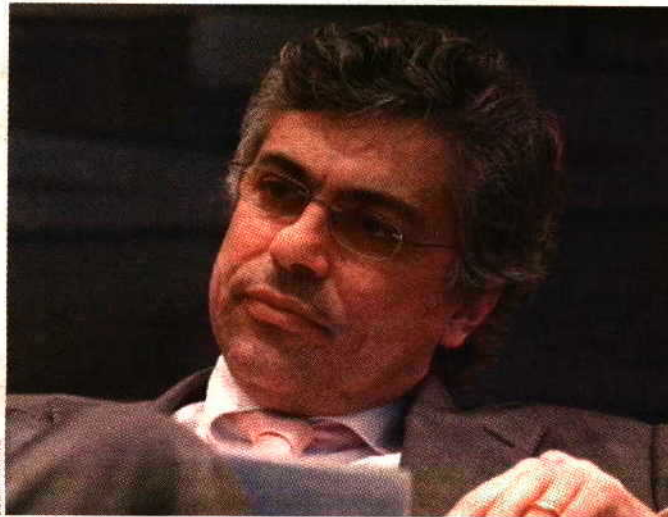
Estamos sempre a olhar para África. E, na China, temos o BNU em Macau, que é um banco com muito prestígio e altamente rentável, que abre fortes perspectivas de crescimento no mercado chinês. Será inevitável a prazo olhar para lá com mais ambição. **Os bancos portugueses não compensado quebras no mercado doméstico com o exterior. É essa a vossa estratégia?**

A CGD é o banco mais internacional dos portugueses, está em 23 países. Se em 2010 conseguirmos que a área internacional contribua para a Caixa à volta dos 100 milhões de euros ficaremos muito satisfeitos.

Rodolfo Lavrador
Administrador da CGD

«Negócio da Caixa no Brasil está a ser um sucesso»

BANCO que o grupo Caixa Geral de Depósitos (CGD) abriu no Brasil em 2009 já cumpriu os objectivos para três anos. Administrador revela que a área internacional da CGD contribuiu com 74 milhões de euros para os lucros da instituição financeira em 2009. Posição em Angola será reforçada. ■ **PÁGS. 2 E 3**



JOSE SENGIO